

A group of children are performing a traditional Brazilian Gaúcha dance. They are wearing long, flowing dresses in red and teal, with white and yellow accents. The floor is decorated with a pattern of large, circular tiles. In the background, there is a large mural of the Brazilian flag and three cartoon boys. The text "VANERA INFANTIL" and "A dança gaúchesca" is overlaid on the image.

VANERA INFANTIL

A dança gaúchesca

A DANÇA DA VANERA NO MEIO INFANTIL

Projetos e Práticas Educacionais III (Planejar projetos sociais e culturais, desenvolvendo-os em contextos não formais de ensino-aprendizagem)

Nós sabemos que se exercitar, dançar, faz um bem danado para corpo e alma, mas o que muitos ainda se perguntam é, tem idade certa?

Principalmente no caso de crianças. Com qual idade a criança pode iniciar a prática de dança? As aulas de danças são bem procuradas...

O poder transformador da música e da dança não age apenas entre os povos, e muito menos se limita às ações de instituições formais. É possível colher os frutos da música e da dança na sua vida cotidiana, seja em casa, no trabalho ou mesmo se locomovendo pela cidade.

A presença da dança da Vanera ainda é incipiente nas escolas, sendo muito mais comum em espaços não formais. Assim, aprende-se a dançar em escolas específicas de dança ou em projetos sociais.

Quando em ambientes não formais, que não sejam específicos de dança, na maioria das vezes a dança ocorre em eventos comemorativos: “Semana Farroupilha”, “A dança tradicionalista no dia das mães” etc.

Dessa forma, as crianças se acostumam a entrar em contato com a dança por meio de festividades, de modo que o processo pedagógico da dança desenvolvido com profundidade é desconhecido para os alunos, pois as apresentações focam-se no produto final, trazendo aos alunos a ideia de que apenas o resultado tem valor.

Dessa maneira, o processo de ensino-aprendizagem fica superficial e, por consequência, inexplorado.

Acreditamos que existam meios de explorar a dança nos ambientes não-formais de ensino de modo que o aluno tenha capacidade de vivenciar a dança em sua totalidade, no qual desenvolva a capacidade de criar, compor, fazer-pensar dança.

O diretor e músico Ricardo Freire se reporta a indumentária gaúcha na dança, a figura do gaiteiro e aos ritmos e gêneros mais autênticos contracenando simultaneamente com vestuário (camiseta) e músicas mais universalizadas: "Um pouco da roupa, o gaúcho que tem (no palco).

A gente quer que ele nem use a camiseta (do Pandorga da Lua), que ele use (roupa) de gaúcho, a gaita, os ritmos, o gênero dos ritmos, tocar no estilo, tem várias melodias, músicas mais autênticas, outras mais universalizadas."

Na perspectiva de Freire, que coincide com os autores estudados, a identidade cultural significa um processo em permanente (re)construção, dependendo da recepção, significação e apropriação de cada sujeito. No caso, a identidade gaúcha aparece atrelada ao desenvolvimento de uma linguagem adaptada a novos públicos, a novas culturas e, portanto, não mais como uma identidade historicamente fixada e demarcada territorialmente pelos movimentos tradicionalistas.

O artista utiliza a música para exaltar sua liberdade em brincar, criar, reinventar a cultura regional a partir do tradicionalismo. Sugere uma representação da cultura gaúcha como algo vivo, passível de adaptação a gostos e estilos de cada sujeito ou grupo e não aprisionada ao território rio-grandense.

Assim, o artista contemporaliza a tradição à sua maneira, usufruindo do seu direito de liberdade de expressão para agir como protagonista de uma identidade culturalmente reciclada, da qual faz parte.

Indagado sobre as possibilidades das crianças identificarem a cultura tradicional do gaúcho, Freire explica que o destaque ao gaúcho como “dono da festa” é uma tentativa de possibilitar a identificação por parte das crianças, mas conclui que depende da autonomia e vivência de cada uma produzir o mesmo significado sugerido.

Por fim, destaca-se que o espetáculo evidencia o potencial da arte para uma educação multicultural com valorização das diferenças como algo complementar a própria identidade. Representa uma disposição de diálogo, um exercício de tolerância e abertura da cultura gaúcha em relação às demais e que, historicamente, se julgou e foi representada como separatista.

Na visão de Bobbio (1998), a tolerância ocorre em face de alguma coisa em exclusão de outra, ou seja, a exclusão do purismo da tradição gaúcha para a inclusão de elementos integrados a outras culturas. Seria essa uma das boas razões da tolerância do ponto de vista da razão prática a que o autor se refere? Essa questão pode ser respondida, entrevistando as crianças que assistiram ao espetáculo.